

Negros, humanidade e religião em *Brazil and the Brazilians* – portrayed in historical and descriptive sketches

Negroes, humanity and religion in *Brazil and the Brazilians* – portrayed in historical and descriptive sketches

Débora Villela de Oliveira*

Resumo

O artigo indica como na narrativa do livro *Brazil and the Brazilians*– portrayed in historical and descriptive sketches seus autores procuraram apresentar, nas imagens sobre os negros e escravos brasileiros, novas reflexões sobre o caráter do negro para leitores dos Estados Unidos da América, no pré-guerra civil norte-americana.

Palavras-chave: livro; representações; tratamento aos negros; Estados Unidos; Brasil Império.

Abstract

This article indicates how, in the narrative of the book *Brazil and the Brazilians* – portrayed in historical and descriptive sketches, its authors intended to present, through images of Brazilian negro slaves, new thoughts about the negro character to the readers in the United States' antebellum.

Keywords: book; representations; negro treatment; United States; Imperial Brazil.

Introdução

Acredito que a maior das oposições a qualquer direito humano, em sua concepção, a partir do Iluminismo, seja a escravidão: a posse de uma pessoa em relação a outra, a alienação de seus direitos individuais e de sua autonomia, tudo isso acaba restrito, ou pelo menos restringido, dentro da relação de posse entre uma pessoa e outra.

Mesmo apresentando essas dicotomias, desde o século XVIII, é necessário lembrar que em países como Estados Unidos e Brasil, essa relação, ou melhor, como colocado em termos de época, essa “instituição peculiar”, perdurou por longo tempo após a independência dessas nações que, paradoxalmente ou não, plasmavam-se constitucionalmente em pressupostos de liberdade e igualdade. Historiadores como Célia Maria Azevedo Marinho, Rafael de Bivar Marquese,

* Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo. A pesquisa que deu resultado a este artigo recebeu apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Email: deboravilleladeoliveira@yahoo.com.br

Frank Tannebaum, Kenneth Stamp, John Ashworth e Gerald Horne procuraram compreender como o pensamento, tanto de brasileiros quanto de norte-americanos, compatibilizava a coexistência entre pressupostos de liberdade civil com aquela dita “instituição peculiar”. Fosse por meio da criação de um repertório de senhores e cativos ideais ou pela criação e teorização de novas formas de gestão de escravos, era imprescindível, naquele período, justificar, a partir do pensamento corrente, a subordinação e a posse de um homem sobre o outro.

O caso analisado não se trata de um manual de conduta de senhores, mas de um livro, publicado nos Estados Unidos, cujos dois autores tinham inclinações abolicionistas. Ao mesmo tempo em que sustentavam esse posicionamento, os interesses que esses autores tinham ao apresentar o Brasil aos norte-americanos estavam vinculados ao estabelecimento de mais ações em âmbito comercial e diplomático entre os dois países. Era mister, portanto, produzir imagens atraentes sobre o país ao público leitor norte-americano, inclusive ao de posicionamento semelhante ao deles.

Desse modo, as imagens sobre os negros em *Brazil and the Brazilians* são bastante específicas, adequadas a um tipo de leitura. Mas elas servem de exemplo sobre como questões de direito, da condição humana, da raça e da religião permearam os imaginários dos autores e as expectativas das leitoras com as quais trabalhavam no livro, no período de sua publicação.

Brazil and the Brazilians

Brazil and the Brazilians foi um livro bastante popular logo em seu lançamento, em 1857. Após essa primeira edição, foram publicadas outras sete num período de onze anos, o que claramente indica sua boa recepção de público. Também a temática de viagens e lugares distantes, por vezes exóticos, atraía leitores de toda sorte, interessados em aspectos ligados ao conhecimento, como história, geografia e história natural, ou puramente curiosos, ávidos por aventuras em terras distantes (Manthorne, 1996; Casper, 2002, 2007).

O livro, escrito pelos pastores Daniel Parish Kidder, metodista, e sobretudo por James Cooley Fletcher, presbiteriano, aparentemente respondia em larga medida a essas expectativas: uma edição bem acabada, de vocabulário acessível,

narrativa contagiante, que contemplava desde questões diplomáticas, passando por descrições geográficas e chegando até descrições das vestimentas femininas. Essa gama de informações respaldava-se na vivência dos autores nessas terras, bem como nos contatos estabelecidos, principalmente por Fletcher, com as elites políticas e intelectuais do país. Existia um diferencial nas percepções que esses autores tinham do país, em razão de projetos de intercâmbio que esse último autor tinha em estabelecer maiores pontes de comércio e trocas entre Brasil e Estados Unidos.

Assim, além da variedade de informações, *Brazil and the Brazilians* tinha preocupações em traduzir a sociedade brasileira de forma a estimular vínculos entre os dois países e, por isso, o livro de Kidder e Fletcher balizava ou refutava muitos dos estigmas que outras publicações da mesma época sobre o Brasil ratificavam¹. A escravidão e a presença do negro em solo brasileiro foi um desses temas: amplamente abordados por outros autores, recebeu tratamento diferenciado por Kidder e Fletcher. Esse assunto é tratado especialmente neste artigo, em razão das contingências norte-americanas do período de escrita e lançamento da publicação.

O pensamento racial, os Estados Unidos e o negro

A década de 1850 ficou conhecida na história norte-americana pela intensificação dos conflitos de ordem social, econômica e política que culminaram na eclosão da Guerra Civil Norte-Americana (1861-1865), o conflito de maiores perdas humanas da história do país, deixando 620 mil mortos e mais uma centena de milhares de mutilados. A escravidão era questão central nessa agenda e ponto de discórdia entre os projetos políticos do norte e do sul.

O norte dos Estados Unidos, mesmo contando com escravos em todos os seus Estados, já vivenciava ganhos e ônus da modernização industrial ao longo do século XIX, tencionava a ampliação de seus mercados de manufaturados, além de procurar expandir as possibilidades de mão-de-obra existentes. O trabalho assalariado era visto como alternativa de fortalecimento desse setor (Ashworth, 2002, p. 13-25; McPherson, 1988). O sul, que mantinha sua economia baseada na agricultura e na mão-de-obra escrava e relutava em alterar essa condição, era visto como empecilho duplo: tanto ameaçava o modelo econômico e de cultura de trabalho do norte como restringia a amplitude de mão-

de-obra por, a partir da presença da escravidão, hierarquizar os trabalhos como trabalhos de brancos (livres) e trabalho de negros (escravos). Esses conflitos entre culturas de trabalho influenciavam os projetos econômicos, políticos e sociais do país (Ashworth, 2002, p. 60-90).

Mas esse contexto se mostrava emblemático também no campo das ideias. Desde o final do século XVIII, começaram a surgir, dentro dos desdobramentos do pensamento iluminista, vertentes antiescravistas e abolicionistas, sediadas na Inglaterra. O Quacrismo e o Metodismo, designações religiosas surgidas no período e que se alastraram nos Estados Unidos em consonância ao Segundo Grande Despertar, mostravam-se contrários a essas práticas². Essa primeira designação tinha força na Pensilvânia e, com isso, já preconizava seus ideais, causando tensões políticas na Filadélfia, capital do Estado, em meados do século XIX (Buvalovas, 2011). Ao longo do século XIX, esses grupos, bem como seus propósitos, ganhavam notoriedade pela divulgação na mídia da época: jornais, magazines e livros, todos exprimindo mensagens sobre o horror e a crueldade da “instituição peculiar”. Como nota John Ashworth (2002, p. 155), os abolicionistas não eram muitos em proporção à população do país, pareciam-se mais com radicais religiosos.

Por muitas vezes estarem imiscuídos em bases religiosas, os argumentos abolicionistas desse período enfatizavam aspectos imorais da escravidão e a degradação de senhores e escravos nesse processo (Ashworth, 2002, p. 175). Deve ser ressaltado, portanto, que os argumentos presentes nessa discussão pouco se detinham em questões de bem estar do negro, mas sim do branco. Como explica Tannebaum (1947, p. 42 apud Azevedo, 2003, p. 67; Ashworth, 2002, p. 175-199) e corroboram Azevedo (2003, p. 67) e Marquese (2004), o negro nos Estados Unidos pouco era tratado como pessoa, muito mais como instrumento; sendo assim, as relações estabelecidas entre senhores e escravos tinham uma perspectiva voltada muito mais ao interesse que a qualquer outro fim.

Não é necessário dizer que a propaganda desses postulados abolicionistas era um risco à coesão e à desestabilização daqueles que dependiam da instituição para mão-de-obra. Por isso, em contrapartida à “ameaça abolicionista”, eram lançados argumentos pró-escravistas que procuravam fundamentar a instituição, pensando-a como função social do negro na

sociedade e entendendo-a como mal necessário à aquisição da república perfeita (Ashworth, 2002, p. 199-250).

O que aprofundava as divergências relacionadas às culturas de trabalho era a questão do pós-abolição. Nos Estados Unidos existia um discurso de não mistura de raças, o que tornava mais complexa a aceitação do negro na sociedade branca (Vianna, 2007, p. 164). Essa aproximação da condição de brancos e negros, entendida como uma ameaça à sociedade norte-americana, fez emergir o pensamento racial, desenvolvido ao longo do século XIX, que ganhou ampla adesão social nesse país. Reginald Horsman (1980, p. 2), historiador que nota essa insurgência, inicia seu livro dizendo que as décadas anteriores à guerra Civil norte-americana constituíram o período no qual o discurso identitário dos Estados Unidos mais se plasmou na questão racial. Os norte-americanos se entendiam como descendentes dos anglo-saxões, raça superior dentre todos: brancos, negros, amarelos e índios. Com isso, sentiam-se legitimados em dominar e/ou exterminar os considerados inferiores (Horsman, 1980, p. 99).

As correntes de pensamento científico que surgiam ao longo do século XIX, que se estendiam aos Estados Unidos, viam o negro de forma negativa, inferior e, por vezes, como na teoria poligenista, apartado biologicamente (e, com isso, naturalmente) do branco, incapaz de se desenvolver intelectualmente ou de interagir socialmente com ele³. Era, assim, também preconizado amplamente por essa sociedade que o contato entre brancos e negros tendia a degenerar a brancos e, logo, a inviabilizar o progresso. A amplitude desse modo de pensar foi ainda mais avassaladora, incorporando entre seus defensores inclusive abolicionistas⁴.

As representações do negro em *Brazil and the Brazilians*

Em *O sul mais distante*, o historiador Gerald Horne (2010, p.123-148) traz uma reflexão bastante pertinente sobre as formas pelas quais a escravidão e a mestiçagem foram contempladas nos relatos de viajantes norte-americanos do século XIX, mostrando a multiplicidade de representações que variava conforme os posicionamentos políticos de seus escritores, ou ainda, no caso de escritores mais “abertos” à cultura diferente deparada no Brasil, como a vivência dessas pessoas alteraram seus respectivos modos de perceberem o negro.

O negro em *Brazil and the Brazilians* era entendido como humano, dotado de características intelectuais, empreendedoras e artísticas, como depreendido no exemplo de um mulato alforriado, Paulo Brito, dono da tipografia Dois de Dezembro, no Rio de Janeiro:

Uma das mais empreendedoras *typographies* é a do Sr. Paulo Brito, um mulato de grande energia e posicionamento liberal. A imprensa *Dois de Dezembro* traz a público bons trabalhos de várias espécies. Os assuntos das colunas de propagandas dos vários jornais são quase que diariamente renovados e acompanhados por um grande número de leitores por sua pictografia e variedade (Kidder; Fletcher, 1857, p. 253)⁵.

Ou na menção à orquestra de negros, presenciada na Fazenda Soledad:

No curso de nossa conversa, o comendador nos disse que “ele tinha sua própria música”. Ele falou disso muito humildemente. Intentamos ouvir seus músicos, supondo que ouviríamos algum desafinado violino, pífaro e tambor. [...] Uma hora após as vésperas eu ouvi o arrulho de violinos, o soar de flautas, alguns volteios de cornetas, o ressoar de trombones e todos os sintomas musicais de preparação para o início de alguma marcha, valsa ou polca. Fui então ao quarto de onde ouvia tais sons; lá encontrei quinze escravos músicos – uma banda fixa: um presidindo o órgão; e havia um coral de jovens negros organizados ante alguns estandes sobre os quais se encontravam folhas com músicas impressas e manuscritas. Também observei um respeitável homem de cor (que sentara a meu lado no jantar) dando várias coordenadas. Ele era o maestro [...] e a orquestra começou a execução da abertura de uma ópera com admirável talento e precisão. Eu estava totalmente despreparado para isso. Mas o próximo ato encheu-me ainda mais de surpresa: o coral, acompanhado pelos instrumentos, cantou uma Missa Romana [...] enquanto no jantar éramos agraciados com valsas e agitadas marchas, dentre elas, a última de *Lafayette*, compositor nascido nos Estados Unidos (Kidder; Fletcher, 1857, p. 441-442)⁶.

Tais exemplos apontam uma oposição de Fletcher a ideias norte-americanas que expunham o negro como degenerado ou pensavam-no capacitado apenas para o desenvolvimento de atividades brutas, sem refinamento intelectual (McPherson, 1988, p. 156-159; Brito, 2011). Eram evidenciadas capacidades empreendedoras, intelectuais e artísticas nessas pessoas. Assim, o retrato do negro brasileiro em *Brazil and the Brazilians*, inserido nas práticas sociais e capaz de alterar seu destino e enriquecer-se intelectual e economicamente no convívio com brancos, por meio de valores como instrução e trabalho, apresentava uma nova forma de se pensar o negro à

sociedade norte-americana. A inserção dos negros e sua evolução eram entendidas como possíveis, devido a características existentes nos brancos brasileiros.

Alguns dos homens mais inteligentes que conheci no Brasil – educados em Paris e Coimbra – eram descendentes de africanos, cujos ancestrais eram escravos. Portanto, se um homem tem liberdade, dinheiro e mérito, não importa o quão negra seja sua pele, em nenhum lugar a sociedade o recusa. [...] Nas faculdades, nas escolas de medicina, direito e seminários teológicos não há distinção de cor (Kidder; Fletcher, 1857, p. 133-134)⁷.

A percepção da inserção do negro no convívio social no Brasil realçava aspectos de uma característica brasileira, a tolerância, pela qual o Império era retratado como lugar mais receptível a outros povos, sobretudo negros⁸.

Fletcher corroborava essas perspectivas ao descrever iniciativas instauradas no legislativo brasileiro, consonantes às perspectivas de modernização do Império⁹. Para os autores, existiam no Brasil mecanismos legais e sociais inexistentes nos Estados Unidos que amenizavam a condição de desigualdade dos escravos e negros. Parecia, assim, que o Brasil estava mais avançado politicamente nesses debates que os Estados Unidos, pois a tolerância ao negro, numa perspectiva de igualdade, não havia sido assimilada pelos norte-americanos.

Porém, Fletcher considerava existir ainda predisposições negras em se envolver com atividades que conduziam à degenerescência, sobretudo moral. Os negros pareciam mais susceptíveis aos vícios: eram frequentadores mais assíduos das vendas, além de parecerem mais fracos às credulidades e charlatanismos católicos, pois “nenhuma classe entra mais no espírito desses dias santos do que as pessoas de cor” (Kidder; Fletcher, 1857, p.152)¹⁰. Nesse sentido, continuava, portanto, a existir uma hierarquia racial, quando, noutro momento, comenta-se sobre uma possível degenerescência branca, em razão do abandono moral e intelectual.

Os colonos pertencem a uma baixa classe de alemães, e trouxeram consigo alguma arte, mas pouca educação. Parece difícil, em qualquer clima tropical, manter a moralidade, não fazendo os imigrantes se deteriorarem; isso pode ser particularmente observado em países escravocratas. Os colonos degradados, colocando-se inferiores aos escravos negros, incorporam os vícios dos negros à estirpe branca, e assim afundam-se num degrau abaixo ao negro (Kidder; Fletcher, 1857, p. 300)¹¹.

É nítida a ideia negativa que se tem sobre os hábitos “de negros”, assim como a ideia de decadência que se prefigura nessa aquisição; porém, com os exemplos anteriores, é visível que, pelo viés do contato racial, é possível extirpar esses “hábitos ruins” e conduzir, mesmo negros e escravos, a valores considerados “brancos”, como a laboriosidade e o empreendedorismo. Também é notável o quanto a escravidão acaba por permear essa negatividade. Essa forma de conceber a instituição estava intimamente ligada às convicções apresentadas pelos autores. Para ambos, a escravidão era vista negativamente, como empecilho ao progresso e ao desenvolvimento dos brasileiros, e mesmo aos dos negros escravos¹².

Todavia, como a representação de toda a negatividade dessa instituição acabava por negar parte dos argumentos desenvolvidos no livro, que procurava apresentar o brasileiro como povo aberto a contatos e ensejante por evoluir, Fletcher tentou retratá-la a partir de seus aspectos distintos à escravidão norte-americana, transmitindo uma ideia de extinção gradual da mesma. Por duas vezes no livro ele afirma que “a escravidão está se extinguindo no Brasil” (Kidder; Fletcher, 1857, p. 125, 582)¹³. Corroborando essa afirmativa, o autor escreve sobre as várias facilidades de se obter a liberdade no Brasil.

No Brasil, tudo conspira a favor da liberdade; e tais são as facilidades aos escravos para se emanciparem e, quando emancipados, se tiverem as qualificações necessárias, podem ascender aos mais altos cargos [...]. Pelas leis brasileiras, um escravo pode ir a um magistrado, ter seu preço fixado e comprar a si mesmo. (Kidder; Fletcher, 1857, p. 136)¹⁴.

Existia, portanto, no Império, segundo os autores, viabilidade legal e relativa autonomia dos cativos nos processos de emancipação, além do desenvolvimento de qualidades como a economia e indústria nos mesmos, para o acúmulo das quantias para alforriá-lo. Isso indica que as ideias sobre o negro e a incorporação do mesmo na sociedade brasileira, expostas em *Brazil and the Brazilians*, em muito divergiam daquilo que ocorria nos Estados Unidos, pois os próprios autores admitiam a intolerância como uma característica intrínseca à população norte-americana.

Tais limites [aos negros] existem em nosso país. Das regiões quentes do Texas aos rincões mais frios da Nova Inglaterra o negro livre, não importa o quão talentoso seja, experiencia obstáculos a sua ascendência, muitas vezes intransponíveis [...]. A

raça Anglo-Saxã, neste ponto, difere essencialmente das nações latinas. A primeira pode ser movida pela piedade generosa em relação ao negro, mas não o tolera socialmente. As últimas, tanto na Europa como nas Américas, sempre colocaram o mérito acima da cor. (Kidder; Fletcher, 1857, p. 138)¹⁵.

Assim, as descrições sobre a escravidão no Brasil presentes no livro, bem como as críticas às posturas intolerantes norte-americanas, levaram alguns resenhistas a entender o país como um exemplo, ao lidar com questões relacionadas à manumissão de escravos e ao tratamento e convivência entre brancos e negros.

Nós apreciamos muito a forma como os senhores Kidder e Fletcher olharam as “instituições peculiares” [do Brasil]. O livro deles será muito útil nesta questão nos Estados Unidos. Os anseios verdadeiros, apaixonados e desinteressados [dos autores] para com o destino dos escravos encontrará caminhos aos corações que nunca se abririam aos quadros traçados por abolicionistas profissionais. O Brasil, também, mostra um exemplo que os estados podem bem imitar. Ainda que a escravidão seja permitida, o inumano tráfico africano é proibido e toda a facilidade é dada ao escravo para trabalhar por sua liberdade. E, uma vez livre, ele pode ascender, pelo talento e energia, aos maiores postos de Estado¹⁶. (The Living Age, 1860, p. 297-300).

Mesmo que fosse declarado o posicionamento abolicionista dos autores no trecho e seus comportamentos ante a questão do negro já denunciasses a segregação cometida entre os brancos, é necessário pontuar algumas das características do pensamento de Kidder e Fletcher antes de apresentá-lo como simplesmente inovador ou vanguardista.

A lógica de inserção que os mesmos estabeleciam continuava a considerar hierarquias entre brancos e negros, assim como reafirmava deveres aos brancos, num sentido de inserir o negro em práticas consideradas positivas, que o fizessem bom trabalhador, assim como bom cristão. Nesse paradigma, mesmo os castigos escravistas eram tidos como pedagógicos¹⁷, assim como um dos maiores deveres a serem cumpridos pelos proprietários de escravos era a instrução religiosa.

Mas ainda deve haver muita crueldade em alguns casos, para a existência de suicídios – algo bastante desconhecido em nossos estados do sul – que soam bastante frequentes nas cidades do Brasil. Isso pode ser atribuído à crueldade? O negro dos Estados

Unidos é descendente daqueles que, de algum modo, adquiriram conhecimento sobre as esperanças e os medos, sobre as recompensas e punições, que as Escrituras forneciam aos bons e as ameaças aos maus [...]. O negro norte-americano teria, por essa circunstância, uma inteligência moral mais elevada que seu irmão recém saído da liberdade selvagem e ateísmo da África; dessa forma, o último, corroído pela crueldade, ou com o espírito ainda não conformado com seus vínculos com o homem branco, toma para si o caminho mais amedrontador que o levaria ao mundo invisível. (Kidder; Fletcher, 1857, p. 132)¹⁸.

Deve-se perceber no trecho que os negros recém-escravizados pouco diferem de animais: são seres de instinto, selvagens, que no máximo têm práticas pagãs ou desvirtuadas, como no caso dos malês, praticantes do islamismo (Kidder; Fletcher, 1857, p.133-137). Assim, infere-se um dever branco, civilizatório, para com o negro, e a religião se coloca como um aspecto importante da civilidade ideal preconizada pelos autores.

A crítica dos autores à crueldade senhorial enfatizava a necessidade de ensinamentos religiosos que fornecessem escopo cristão aos cativos, inibindo-os de perpetrarem atos abomináveis. Ao atribuir os suicídios à falta de instrução religiosa, Fletcher responsabilizava os “maus” senhores por tais crimes, pois não haviam cumprido suas responsabilidades morais¹⁹. Esse argumento de moralização dos cativos pela religião, embora presente no sul dos Estados Unidos, mesmo entre os favoráveis à escravidão, ainda fomentava divergências (Matthews, 1965a; McLendon, 2006)²⁰.

Embora o trecho possa ser entendido como uma crítica aos senhores de escravos brasileiros, assim como aos clérigos do país, mesmo no interior do Império eram evidenciados exemplos de ensejos de moralização religiosa aos cativos, como era o caso, novamente, da *Fazenda Soledad*.

Nessas plantações no interior há um belo costume, no qual, durante as vésperas, é oferecida uma curta oração e um cumprimento de *boa noite*; este não significa que após ele todos irão dormir, mas o *boa noite* é uma espécie de bênção. O sino da capela marca a hora das vésperas. As conversas são interrompidas: ficamos todos em pé. O barulho dos engenhos cessa; os gritos de crianças se dissipam; os escravos, ao passarem pelo terreiro, param e descobrem as cabeças. Todos devotamente voltados com mãos e suspiros às preces noturnas à Virgem. Eu me junto à prece ao bendito Salvador, o único mediador [...] o dia de trabalho termina [...] e o repouso reina na Soledad. (Kidder; Fletcher, 1857, p. 440-441)²¹.

Embora o autor procure reafirmar sua conduta protestante ao evitar de proferir preces à Virgem Maria, ele não deixa de notar a comoção religiosa de todos os presentes na fazenda, desde senhores até escravos de roça. Neste sentido, o Comendador Silva Pinto, proprietário da fazenda, servia de exemplo, pois era um senhor de escravos cumpridor de seu papel cristão: em sua fazenda era incentivada a divulgação da religião entre os cativos, o que inclusive tornava possível o desenvolvimento de outras habilidades dos cativos, como identificado, anteriormente, na orquestra de negros.

Nisso era sinalizada, no Brasil, também pela religião, uma humanização nas práticas escravistas que, ao minimizarem a violência da instituição, também incorporavam “bons valores” na índole negra, considerada, ainda, mais frágil. Note-se que, para os autores, nesse exemplo, a religião se mostra como forma, para além do trabalho e da instrução, de se estabelecer civilidade, mesmo num ambiente escravista, considerado decadente e degenerado para os autores, lembrando suas posições abolicionistas. A religião era, portanto, um mecanismo de humanização do pagão, ou melhor, um instrumento de civilização, nesse caso, do negro.

Religiões superiores, religiões inferiores

No pensamento dos autores, também existia o estabelecimento de hierarquias não apenas de cunho racial, mas, também, de cunho religioso. É evidente que, para os autores, o fato de se praticar uma religião já era encarado positivamente, pois abaixo de todas elas estaria o paganismo.

Mesmo no Iluminismo não existia ainda uma tendência ao ateísmo: a ciência e a religião não se mostravam antagônicas; muito pelo contrário, existia uma ideia de esclarecimento mútuo, uma auxiliando à iluminação da outra. Deste modo, eram repudiadas da religião práticas que não possuíssem explicações lógicas, ligadas à superstição e ao puramente tradicional que não contivesse explicações lógicas (Cassirer, 1976, p. 140-220).

Essa visão generalista de Ernst Cassirer sobre a relação entre religião e pensamento ao longo dos séculos XIX e XX pode nos ajudar a entender esse contexto, mas não o seu lado específico. Os Estados Unidos, até hoje, têm aceções religiosas fortemente arraigadas em sua cultura política, observadas

tanto discursivamente nas falas de presidentes quanto no imaginário que, ao longo da história do país, é retomado num sentido de estabelecer uma relação simbiótica entre a doutrina protestante e a nacionalidade norte-americana (Azevedo, 2001).

Naquele período, isso não foi algo diferente; muito pelo contrário, a movimentação religiosa dentro do país, apelando não apenas à razão, mas também ao sentimento, influía poderosamente nos processos de expansão vividos pelos Estados Unidos no século XIX, como pode ser notado no Segundo Grande Despertar, movimento religioso protestante de diversas denominações que propunha a renovação e a dispersão da fé no país. Historiadores atestam que esse movimento revestia-se de um caráter civilizador e mesmo organizador em relação às terras ainda não conquistadas, a oeste, e em relação aos povos não protestantes imigrantes, caso de católicos irlandeses e alemães (Mendonça, 1990, p. 52-72; Matthews, 1965b).

Como a ideia de progresso calcava-se fortemente em explicações racionais, as práticas religiosas protestantes, que continham explicações doutrinárias mais fundamentadas na leitura e no pensamento abstrato, ganharam força ao longo dos séculos XVIII e XIX, em reação ao catolicismo que, comportando em sua doutrina práticas e simbolismos tradicionais, continha aspectos que críticos protestantes consideravam como superstições ou charlatanismos e que, por isso, era tomado como “luz não verdadeira”. Assim, naquela época, embora o ser cristão fosse entendido como participante da doutrina verdadeira, o ser católico era, para protestantes, um ser cristão “de segunda linha”, não plenamente evoluído, ainda “preso” em algumas materializações (Mendonça, 1990, p. 55-72; Idem, 1995).

Essa percepção do catolicismo como doutrina corrompida era presente em *Brazil and the Brazilians*. Embora ao traçarem um panorama histórico religioso os autores localizassem algumas práticas católicas louváveis²², os autores expunham uma ideia de “casamento entre catolicismo e paganismo” presente no Brasil (Kidder; Fletcher, 1857, p. 93), ou seja, a doutrina se mostrava corrompida, impura. Além disso, tratavam sobre o que consideravam escândalos do clero brasileiro, como a comercialização de missas, erros de conhecimentos bíblicos e casamentos indevidos, que desmoralizavam esse grupo perante a sociedade imperial (Kidder; Fletcher, 1857, p. 93-97, 142-152, 355, 385-387).

Desse modo, as práticas cristãs brasileiras mostram-se moralmente inferiores às norte-americanas e isso era um fator a ser alterado no Império, a partir da conversão de brasileiros ao protestantismo, que, no entanto, apareceria no livro mais como proposta que como ação realizada de fato²³. Note-se, novamente, a percepção da religião como uma hierarquia de desenvolvimento, na qual o protestantismo é signo imanente de progresso e de civilização (Kling, 2004, p. 16-35; Kaplan, 2002).

Todavia, no caso específico do negro, os autores reconheciam que as práticas católicas eram mais atrativas, pois “nenhuma classe entra mais no espírito desses dias santos do que as pessoas de cor” (Kidder; Fletcher, 1857, p.152)²⁴. Embora fosse considerado que os negros se ludibriavam com as práticas “charlatãs” da Igreja Católica, era perceptível que a religião fomentava um núcleo e sociabilidades a essas pessoas.

Nesse sentido, a instituição auxiliava na inserção social dessas pessoas, mesmo que suas práticas fossem questionáveis. Esse panorama era bastante diferente do norte-americano, no qual mesmo as várias designações religiosas já segregavam racialmente seus fiéis, prática essa que se iniciou no sul, mas acabou se alastrando por todo o país, mesmo após o final da Guerra de Secessão (Matthews, 1965b).

Desse modo, pode-se notar que, pelo aspecto da tolerância, o Brasil era entendido como lugar de muito maior inserção do negro na sociedade, o que podia ser observado, também, dentro de aspectos religiosos. A negritude não era valorizada; porém, para o autor, as habilidades e talentos dessas populações eram reconhecidos, assim como sua cidadania.

Considerações finais

Por meio desses exemplos, foi observado que *Brazil and the Brazilians* apresentava possibilidades positivas de convívio entre brancos e negros aos norte-americanos, no qual o Brasil servia como um exemplo de possibilidade de convívio. A visão dos autores sobre os negros mostrava-se diferente, ainda que impregnada dos pensamentos de hierarquias raciais correntes da época, pois notava possibilidades de evolução dos negros em torno de valores presentes nos Estados Unidos da época: a instrução, o empreendedorismo, o trabalho e a

religião. Além disso, entendia a participação social do negro dentro dos moldes de cidadania modernos, com os negros tendo acesso à instrução e ao enriquecimento.

Esses elementos de participação civil tinham como cerne os paradigmas civilizatórios do século XIX e a propagação dos mesmos retomava hierarquias raciais entre brancos e negros: os primeiros como mais evoluídos e devedores, pela religião e moral, de transmitir civilização aos últimos. Mas, ainda que imbuída dessa superioridade, é interessante notar que essa era uma das visões mais radicais desse momento da história norte-americana que abria espaço para alternativas de convívio entre brancos e negros.

Apresentar o entendimento dos autores sobre a escravidão ou sobre a natureza do negro num período tão conturbado é uma forma também de reavaliar como mesmo os discursos hegemônicos tinham suas dissonâncias e como, ao driblá-los, era possível enxergar caminhos para a aquisição de direitos aos negros, assim como suas capacidades de convivência.

Também, torna-se possível evidenciar como, ainda hoje, podem ser notados ecos de um discurso racista do século XIX nas falas de políticos e religiosos. Olhar analiticamente esses discursos, seus argumentos e raciocínios, suas inovações e limites, é uma forma de buscar clarificar o papel da religião em relação aos direitos humanos, o quanto ela pode tanto ratificar valores dentro de um *status quo* quanto influir para a alteração dele, em vista de novos valores. Pela reflexão acerca do passado, teremos, por fim, comparativos para equacionar melhor seus significados dentro da sociedade atual.

Referências bibliográficas

ASHWORTH, John. *Slavery, Capitalism and Politics in the Antebellum Republic*, v. 1. New York: Cambridge University Press, 2002.

AZEVEDO, Cecília. A santificação pelas obras: experiências do protestantismo nos EUA. *Tempo: UFF*, n.11, jan. 2001, p. 111-129.

AZEVEDO, Célia Marinho. *Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada (século XIX)*. São Paulo: Anablume, 2003.

BESTOR, Arthur. American Civil War as a Constitutional Crisis. *The American Historical Review*, Chicago, v. 69, n.2, jan. 1964, p. 327-352.

Brazil and the Brazilians. *The Living Age*: New York, v. 0066, i. 844, august 4, 1860, p. 297-300.

BRITO, Luciana. Uma nação de “blend of colors”: o olhar dos abolicionistas norte-americanos sobre amalgamação (ou miscigenação) no Brasil e Estados Unidos. *Anais eletrônicos do XXVI Encontro Nacional de História da ANPUH*, São Paulo: Universidade de São Paulo, Brasil, 2011. Disponível em <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308062332_ARQUIVO_UmanacaodeBlendofcolors.pdf>. Acesso em 11 mai. 2013.

BUVALOVAS, Thais. *Hipólito da Costa na Filadélfia (1798-1800)*. Imprensa, maçonaria e cultura política na viagem de um ilustrado luso-brasileiro aos Estados Unidos. São Paulo: Hucitec, 2011.

CASPER, Scott E.; CHAISON, Joanne; GROVES, Jeffrey D. *Perspectives on American Book History: Artifacts and Commentary*. Cambridge: University of Massachussets Press, 2002.

CASPER, Scott E. et. al. *A History of the Book in America*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, v. 3, 2007.

CASSIRER, Ernst. *A filosofia do Iluminismo*. Campinas: Ed. Unicamp, 1970, p. 115-126.

FAUST, Drew G. Evangelicanism and the meaning of the Proslavery Argument: the Reverend Thrornton Stringfellow of Virginia. *The Virginia Magazine of History and Biography*, v. 85, n.1, jan. 1977, p. 3-17.

FERES JÚNIOR, João. Spanish America como o outro da América. *Lua Nova*: revista de Cultura e Política, São Paulo, n. 62, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n62/a05n62.pdf>>. Acesso em 09 fev. 2013.

FIELDS, Barbara J. Slavery Race and Ideology in the United States of America. *New Left Review*, London, p. 95-118, 1990. Disponível em: <<http://www.solidarity-us.org/pdfs/cadreschool/fields.pdf>>. Acesso em 11 mai. 2013.

FRIEDRICKSON, George. *The Black Image in the White Mind*. The Debate on Afro-American Character and Destiny. Hanover: Wesleyan University Press, 1987.

GALLAY, Allan. The Origins of Slaveholders´ Paternalism: George Whitefield, the Bryan Family and the Great Awakening in South. *The Journal of Southern History*, Houston, v. 3, n. 53, Aug. 1987, p. 369-394.

GRADEN, Dale. An act of ‘even public security’: Slave resistance, Social Tensions and the end of the International Slave Trade in Brazil (1835-1850). *The Hispanic American Historical Review*, Duke University Press, Durham, v. 76, n. 2, May. 1996, p. 249-282.

HORNE, Gerald. *O sul mais distante*: os Estados Unidos, o Brasil e o tráfico internacional de escravos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HORSMAN, Reginald. *Race and Manifest Destiny*: The Origins of American Racial Anglo-Saxonism. Harvard University Press, 1980.

KAPLAN, Amy. *The Anarchy of Empire in the making of U.S. Culture*. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

KIDDER, Daniel P.; FLETCHER, James Cooley. *Brazil and the Brazilians: portrayed in historical and descriptive sketches*. Philadelphia: Childs & Petterson, 1857.

KLING, David. The New Divinity and the Origins of American Board Commissioners for Foreign Missions. In: SHENK, Wilber T. (ed.). *North American Foreign Missions 1810-1914: Theology, Theory and Policy*. Michigan: Wme. B. Eerdsman editor, 2004, p. 16-35.

MACHADO, Maria Helena P. T. A ciência norte-americana visita a Amazônia: entre o criacionismo cristão e o poligenismo “degeneracionista”. *Revista USP*, São Paulo, n. 75, set.- nov. 2007, p. 68-75.

_____. *O Brasil no olhar de William James*. São Paulo: EDUSP, 2010.

_____. Travels and Science in Brazil. *ReVista: The Harvard Review of Latin America*, Cambridge, v. 8, n. 3, Mar.-May. 2009, p. 34-40.

_____. *Brasil a Vapor: raça, ciência e viagem no século XIX*. 2006. Tese (Concurso de Livre Docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Mimeografado.

MANTHORNE, Katherine. O Brasil no imaginário norte-americano no século XIX. *Revista USP*, São Paulo, n.30, jun.-ago. 1996, p. 58-72.

MARQUESE, Rafael de Bivar. *Feitores do corpo, missionários da mente: senhores, letrados e o controle de escravos nas Américas (1660-1860)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. Governo de Escravos e Ordem Nacional: Brasil e Estados Unidos (1820-1860). *Penélope*, n. 27, 2002, p. 59-73.

MARQUESE, Rafael B.; PARRON, Tâmis. Internacional Escravista: a política da Segunda Escravidão. *Topoi*, Rio de Janeiro, v.12, n. 23, jul.-dez. 2011, p. 97-117.

MARSDEN, George. *Religion and American Culture*. Nova York: Harcourt Brace College Publishers, 1990.

MATHEWS, Donald G. Methodist Missions for Slaves, 1829-1844. *The Journal of American History*, Chicago, v. 51, n. 4, Mar. 1965a, p. 615-631.

_____. *Slavery and Methodism: A Chapter in American History (1780-1845)*. Princeton: Princeton University Press, 1965b.

_____. The Second Great Awakening as an organizing process, 1790-1830: An hypothesis. *American Quarterly*, Baltimore, v. 21, n. 1, 1969, p. 23-43.

MCLENDON, Eric. Slave Missions and Memberships in North Alabama. *Master of Arts*, Auburn University, Alabama, 2006. Mimeografado.

MCPHERSON, James. *Battle Cry of Freedom: The Civil War Era*. New York: Oxford University Press, 1988.

MENDONÇA, Antonio Gouvea de. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.

_____. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1995.

PAULINO, Carla Viviane. *O império do atraso: etnologia, política e religião nas impressões sobre o Brasil elaboradas pelo viajante norte-americano Thomas Ewbank*. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Mimeografado.

SAMPAIO, Maria Clara Salles Carneiro. Emancipação, expulsão e exclusão: visões do negro nos Estados Unidos nos anos 1860. *SANKOFA: Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*, São Paulo, n. 3, dez. 2010. Disponível em <<http://sites.google.com/site/revistasankofa/sankofa3/emancipacao-expulsao-e-exclusao>>. Acesso em 16/02/2013.

_____. *Fronteiras negras ao Sul: a proposta dos Estados Unidos de colonizar a Amazônia brasileira com afro-descendentes norte-americanos na década de 1860*. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Mimeografado.

STAMPP, Kenneth. *The Peculiar Institution: Slavery in Antebellum South*. New York: Oxford University Press, 1953.

TANNEBAUM, Frank. *Slave and Citizen. The Negro in the Americas*. New York: Alfred A. Knopf, 1947.

VIANNA, Larissa. *O idioma da mestiçagem: as irmandades de pardos na América portuguesa*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

ZBORAY, Ronald J. *A Fictive People: Antebellum Developing Economy and the American Reading Public*. New York: Oxford University Press, 1993, p. 15-16.

_____. Fiction and Informed Reading in early nineteenth America. *Nineteenth Century Literature*, University of California, v. 47, n. 3, p. 320-348, Dec. 1992.

_____; Mary S. Reading and everyday life in Antebellum America: the diaries of Daniel F. and Mary D. Child. *Libraries & Culture*, Austin, v. 32, n. 3, 1997.

¹ Estas percepções foram registradas a partir das resenhas recolhidas ao longo da pesquisa. Cf. New publications – Brazil and The Brazilians, portrayed in Historical and Descriptive Sketches, By Rev. D.P. Kidder, D. D. and Rev. J. C. Fletcher. Illustrated by one hundred and fifty engravings. Philadelphia: Childs & Peterson. New York Times: New York. June, 24th, 1861; FLETCHER'S Brazil and The Brazilians. The North American Review, Boston: n.177, v. 085, 1857, p.746; MR. FLETCHER'S Brazil and The Brazilians, The Living Age: New York: v. 0066, i. 844, august 4, 1860,

p. 297-300; Notices of Books: Brazil and The Brazilians. *New Englander*: New Haven, v. 15, i. 66, nov. 1857, p. 746; BRAZIL and The Brazilians. *Atlantic Monthly*: Boston, v.1, n.1, p. 122-123; BRAZIL and The Brazilians. *Harper's New Monthly Magazine*: New York, v.15, n.866, out.1857, p. 690-691. Esses jornais podem ser acessados através do acervo digital de jornais da Universidade de Cornell: <http://ebooks.library.cornell.edu/m/moa/>, último acesso em 16/02/2013, e do acervo do New York Times, disponível em: <http://www.nytimes.com/ref/membercenter/nytarchive.html>, último acesso em 16/02/2013.

² O Second Great Awakening (1795-1859) foi um movimento que procurou reacender o fervor religioso protestante em áreas do meio-norte/nordeste do país e depois a meio-oeste. Esse movimento é considerado por alguns autores como uma reação protestante à imigração católica. Cf. Mathews (1969) e Marsden (1990).

³ Os estudos de Fredrickson (1987), Paulino (2011) e Machado (2006) analisam a formação de um cânone científico nos Estados Unidos que auxiliava a ratificar as ideias de diferenças raciais, que ratificavam um pensamento segregacionista corrente nos Estados Unidos desde o início do século XIX, que se intensificara em sua segunda metade.

⁴ Maria Clara Sampaio (2008, 2010), ao traçar os posicionamentos do diplomata James Watson Webb sobre a escravidão, delineou o quadro vasto de posicionamentos entre abolicionistas norte-americanos. Inclusive, mencionaria um, do qual Webb participava, e de relativa adesão social, que propunha a liberdade e a extradição de negros como forma de “erradicação” do problema social que essas pessoas representavam à sociedade norte-americana da época.

⁵ “One of the most enterprising typographies is that of Sr. Paulo Brito, a mullato of great energy and liberal sentiments. The press of the Dous de Dezembro turns out fine specimens of work. The matter of the advertising-columns of the various newspapers is renewed almost daily, and is perused by great number of general readers for the sake of its piquancy and its variety.”

⁶ “In the course of our conversation, the Comendador told us that he had his ‘own music now’. He spoke of it very humbly. We desire to hear his musicians, supposing that we should hear a wheezy plantation-fiddle, a fife and a drum. [...] One hour after the vespers I heard the twanging of violins, the tuning of flutes, short voluntaries on sundry bugles, the clattering of trombones, and all those musical symptoms preparatory to a beginning of some march, waltz or polka. I went to the room whence proceeded these sounds; there I beheld fifteen slave musicians, - a regular band: one presided at the organ, and there was a choir of younger negroes arranged before suitable stands, upon which were sheets of printed or manuscripted music. I also observed a respectable colored gentleman (who sat near me at dinner) giving various directions. He was the maestro [...] and the orchestra commenced the execution of an overture to some opera with admirable skill and precision. I was totally unprepared for this. But the next piece overwhelmed me with surprise: the choir, accompanied by the instruments, performed a Latin mass. [...] While at supper we were regaled by waltzes and stirring marches, among the latter ‘Lafayette’s Grand March’, composed in the United States.”

⁷ “Some of the most intelligent men that I met with in Brazil – men educated at Paris and Coimbra – were of African descents, whose ancestors were slaves. Thus, if a men have freedom, money and merit, no matter how black may be his skin, no place in society is refused him. [...] In the colleges, the medical school, law, and theological schools, there is no distinction of color.”

⁸ Fletcher chegava a mencionar, em nota, como pensamento de uma senhora sulista, o Brasil como paraíso racial. Cf. Kidder; Fletcher, op. cit., p.132.

⁹ Cf. *Ibid.*, p. 137.

¹⁰ Cf. *Ibid.*, p. 126. Tais características de degeneração eram encontradas também em brancos, quando estes se abandonavam em vícios, como pode ser percebido quando o autor expõe a condição de degenerescência moral dos imigrantes alemães de Cantagalo. Cf. *Ibid.*, p. 299-300.

¹¹ “The colonists belong to a low class of Germans, and brought with them few arts but little education. It seems difficult in any tropical climate to prevent the morals nad the emmigrants from

deteriorating, and this can be observed particularly in slave-countries. The degraded colonist, while setting himself above the African, engrafts the vices of the latter upon the European stock, and thus sinks to a lower grade than the negro.”

¹² Daniel Parish Kidder era um pastor metodista que tinha fortes convicções abolicionistas e sustentou essa posição mesmo após o cisma ocorrido internamente na Congregação em 1844 (Matthews, 1966, p.125). James Cooley Fletcher, embora de orientação presbiteriana, também era abolicionista, o que é possível constatar nos vários trechos do livro em que ele se opõe à condição da escravidão.

¹³ “Slavery is doomed in Brazil.”

¹⁴ “In Brazil, every thing is in favor of freedom; and such are the facilities for the slave to emancipate himself, and when emancipated, if he possess the proper qualifications, to ascend to a higher eminences than those of a mere free black [...]. By Brazilian Laws, a slave can go before a magistrate, have his price fixed and can purchase himself.”

¹⁵ “Such hinderances do exist in our country. From the warm regions of Texas to the coldest corner of New England the free black man, no matter how gifted, experiences obstacles to his elevation with are insurmountable [...]. The Anglo-Saxon race, on this point, differs essentially from the Latin nations. The former may be moved to generous pity for the negro, but wil not yield socially. The latter, both in Europe and in the two Americas, have always placed merit before color.”

¹⁶ Cf. Brazil and the Brazilians, *The Living Age*: New York, v. 0066, i. 844, august 4, 1860, p. 297-300. “We much like the way in which Messr. Kidder e Fletcher look at the ‘peculiar institutions’. Their book will be very useful on this question, in the United States. The free, loving and truthful longings as to the slave’s future, will find their way to hearts which will never open to the overdrawn pictures of professional abolitionists. Brazil, too shows an example which the states might well imitate. Slavery is indeed allowed by law; but the inhuman African traffic is forbidden and every facility given to the slave to work out his freedom. And once free, he may rise by talent and energy, to the highest offices in the State.”

¹⁷ Id., 1857, p. 133-137. Os instrumentos de punição a negros mencionados foram a bola e a corrente de ferro, o colar de ferro e a máscara de estanho. Esses eram entendidos por Fletcher dentro de um caráter corretivo: o colar, a bola e a corrente de ferro serviam para evitar fugas e a máscara tinha a finalidade de controlar a embriaguez do escravo e evitar que o mesmo comesse terra (o que era encarado como patologia), cometendo assim, suicídio. Sobre as descrições de castigos a escravos presentes em relatos de outros abolicionistas, ver Horne (2010, p. 136).

¹⁸ “But still there must be great cruelty in some cases, for suicides among slaves – which are almost unknown in our Southern States – are of very frequent occurrence in the cities of Brazil. Can this, however, be attributed to cruelty? The negro of United States is the descendant of those who have, in various ways, acquired a knowledge of the hopes and fears, the rewards and punishments, which the Scriptures hold out to the good and threaten to the evil: to avoid the crime of suicide is as strongly incalculated as to avoid that of murder. The North American negro has, by this very circumstance, a higher moral intelligence than his brother fresh from the wild freedom and heathenism of Africa; hence the latter, goaded by cruelty, or his high spirit refusing to bow to the white man, takes that fearfull leap which lands him in the invisible world.”

¹⁹ Como exposto por Tannebaum (1946, p. 42 apud Azevedo, 2003, p. 19; Fredrickson, 1987, p. 11), o negro norte-americano era tratado como mercadoria, mesmo pelos postulados religiosos norte-americanos.

²⁰ Donald Mathews expõe o pensamento das classes senhoriais da Carolina do Sul sobre a pregação de missão metodista: consideravam-na desestabilizadora da ordem, mesmo que, aos poucos, tais missões fossem perdendo o caráter da causa abolicionista. Trabalhos mais recentes, como os de Eric McLendon, mostram que o argumento paternalista fazia parte do repertório pró-escravista. Ao mesmo tempo, existiam receios sobre a entronização de doutrinas religiosas aos escravos.

²¹ “On these interior plantations there is a beautiful custom at vespers of offering a short prayer and whising each-other a good-night; not that they then retire, but *boa noite* is the form of a blessing. [...] The chapelbell struck the vesper-hour. The conversation arrested: we all arose to our feet. The hum of sugar mill ceased; the shout of the children died away; the slaves that were croosing the court-yard stopped and uncovered the head. All devoutly folded their hands and breathed the evening prayer to the Virgin. I too joined in devotion to the blessed Savior, the sole Mediator [...] the day’s labor was finished [...] and repose, reigned over Soledad.”

²² Os autores viam positividade nas obras fundadas por jesuítas, como as Casas de Misericórdia. Embora Fletcher considerasse a fama promulgada à Anchieta deturpadora de seus verdadeiros méritos, reconhecia a dedicação missionária e as preocupações de caridade e evangelização do padre. As irmandades recebiam aproximações com práticas dos países anglo-saxões, ainda que fosse entendido que essa filantropia brasileira tinha subterfúgio errôneo. Cf. Kidder; Fletcher, op. cit., p. 107-108, 114-116.

²³ A ideia de conversão do brasileiro respaldava-se numa perspectiva dissonante, a de que a raça condicionaria invariavelmente as ações. Para os autores, o contato entre povos e raças distintas poderia incorporar, favorecer e alterar a evolução, tal como se colocava com relação ao negro. Desse modo, os brasileiros, mesmo inferiores pela latinidade, poderiam almejar patamares civilizacionais mais evoluídos, dado que mostravam progredir em aspectos institucionais e políticos ou, como diriam os autores: “aquele que observa apenas os vazios e faustosos ritos da Igreja Católica Romana no Brasil, não existiria futuro ao país. Mas quando consideramos os sentimentos liberais e de tolerância que prevalecem – quando refletimos sobre a liberdade de imprensa, a difusão do ensino e os trabalhos da admirável constituição deles – não podemos acreditar que as futuras gerações de brasileiros irão retroceder. Intelectualidade sem moralidade, como sabemos, é uma mola de tremendo impacto, precisando de controle; mas temos fé que Deus, que abençoou o Brasil tão grandemente em outros aspectos, não o deixará sem o seu maior bem.” [To one who looks alone at the empty and showy rites of the Roman Catholic Church in Brazil, there is no future for the country. But when we consider the liberal and tolerant sentiments that prevail – when we reflect upon the freedom of debate, the entire liberty of the press, the diffusion of instruction, and the works on their admirable Constitution, - we cannot believe that the future generation of Brazilians will retrograde. Intellectually without morality is, we are aware, an engine of tremendous power wanting a balance-wheel; but we have faith in God, who has blessed Brazil so highly in other respects, will not withhold her the greatest boon.] (Kidder; Fletcher, 1857, p. 144). Era a partir dessa prerrogativa que os autores enxergavam caminhos para idealizar uma entronização do protestantismo no Brasil. É necessário lembrar, no entanto, que as menções sobre esse tema no livro tinham muito mais um apelo discursivo do que uma estrutura de implantação propriamente dita. A variedade de temas apresentados pelo livro e sua ênfase nos quadros políticos, na condição do negro e no quadro econômico brasileiro tinham um apelo muito maior a esses campos que ao campo religioso, embora fosse escrito por pastores.

²⁴ “No class enters more in in spirit of these festivals than the negros”.

Recebido em 09/03/2012, revisado em 10/05/2013, aceito para publicação em 10/05/2013.